

## Axêro – Memória e Resistência em Pelotas

JOÃO LUCAS DA CRUZ<sup>1</sup>; MARIA FONSECA FALKEMBACH<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – jaozerarasta@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – mariafalkembach@gmail.com 2

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um relato sobre a criação do espetáculo Axêro, em fase de finalização, desenvolvido no Projeto de Extensão Tatá – Núcleo de dança-teatro, grupo. A obra busca mostrar uma perspectiva invisibilizada da história da cidade de Pelotas e a contemporaneidade da situação do racismo dentro e fora da cidade. Narrativas que ainda hoje se apresentam como tabu. A intenção do trabalho é trazer aquilo que está oculto à tona e apresentar, de forma cênica, parte da história negra que teve e ainda tem sua importância dentro do município, e o modo como a população lida com isso nos dias de hoje.

O trabalho partiu da vontade de Gessi Könzgen, somada à minha (João Cruz), de criar algo que comunicasse com o nosso povo. Enquanto Gessi traz sua pesquisa histórica sobre Pelotas e sua experiência, desde menina, por ter nascido e vivido na cidade, eu trago minhas vivências de urbanidade em São Paulo. São dois olhares, de pessoas negras que viveram em momentos e cidades diferentes, mas que hoje vivem o mesmo dia a dia, enfrentando todo o racismo gerado a décadas e décadas.

A criação do espetáculo envolveu pesquisa dramaturgica e cênica. A responsável pela dramaturgia foi Gessi, bailarina e atriz negra, formada na Universidade Federal de Pelotas e nascida no município. Antes da criação do espetáculo ela apenas atuava como bailarina e atriz, mas, a partir da pesquisa para este espetáculo, ela se aprofundou nas pesquisas e criou toda a dramaturgia do espetáculo: escreveu os textos e as músicas.

Para a criação da dramaturgia buscamos os dados em textos, documentos, teses e livros que apresentam elementos sobre o período de escravidão, sobre a indústria escravocrata do charque, sobre a mão de obra usada para a construção dos imóveis da cidade, como também sobre aspectos do cotidiano da população negra da cidade. Nos apoiamos em pesquisas de historiadores e antropólogos, de documentos do Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material da UFPEL (LEICMA)<sup>1</sup>, filmes e depoimentos.

Quase todo material pesquisado foi aproveitado na composição das cenas, como as leituras sobre a podridão do Arroio Pelotas e os textos que nos explicitavam dados da riqueza dos Barões do charque. Um material muito usado foi o documentário “O Grande Tambor”, que contém muitos depoimentos importantes, que contam sobre o que ocorria na cidade.

Tudo o que foi pesquisado se torna cena a partir de processos de experimentação. Logo após esse processo, fazemos os testes para ver o que pode ser usado ou não. A obra busca não só atingir o público negro de Pelotas e região, mas também outros públicos, formando e fortalecendo, assim, um público consumidor de espetáculos de dança e teatro. Ao mesmo tempo, espera fortalecer o cenário de criação de obras negras, que tragam nossa perspectiva

---

<sup>1</sup> LEICMA – Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material

sobre nossas histórias, que além de trazer a denúncia da opressão e do racismo, possam trazer a narrativa das nossas vitórias e conquistas, que evidenciam a valorização do negro.

## 2. METODOLOGIA

A maior parte do material de pesquisa foi trazido por Gessi, que, com sua dedicação, tornou-se dramaturga da noite para o dia, após essa investigação ela começou a escrever os textos que compõem a obra.

Alguns textos são bem expressivos para a pesquisa, e alguns autores também como SILVA; DIAS; AGUILAR que nos dá uma panorama da história negra do Brasil em algumas regiões do Brasil, textos que falam sobre “Anti-Racismo”, “Pós-Abolição”, “Comunidades do Tambor”, trabalhos que a pesquisa não se restringe apenas as histórias de Pelotas,

Textos como esses nos ajudaram a criar cenas como a cena chamada “Minhas leis de estimação”, que mostra as pedras encontradas no caminho do negro logo após a abolição: leis que nunca beneficiaram o negro.

Outros textos de extrema importância focam a cidade de Pelotas. BRISOLARA; MELLO; MAGALHÃES; LOPES; nos dão material para falar sobre o sopapo, tambor que sempre foi o alento dos negros nas charqueadas. Os trabalhos desses autores falam sobre a cultura de resistência dos negros, o motivo do negro se ocultar na cidade, além de diferentes histórias de Pelotas. Suas narrativas nos ajudaram a criar a cena “Rio Pelotas”, que mostra a situação desumana dos negros que tinham que atravessar o arroio carregando a pelota a nado, em meio a um rio podre com restos de excrementos e restos de animais.

A forma de escrita de Gessi é poética e, ao mesmo tempo direta. Podemos ver neste trecho do texto do espetáculo:

Animais e homens.  
Os torridos verões e um rio podre Em toda  
parte cheirava mal  
Vapores emanados das águas e detritos parados, dissipavam  
pelos ares  
cheiros de sangue e excremento putrefado Negros  
semi nus escorrendo sangue Visceras decompostas  
pelo forte calor(..)  
(trecho retirado do texto do espetáculo Axêro, cena “Rio Pelotas”)

As músicas surgiram de lembranças de cantigas que Gessi escutava na infância e da inspiração em ritmos de origem afro-brasileira. Como a música da cena seis nomeada de “Griô” que foi criada em cima do ritmo do coco da Paraíba, a seguir um trecho da música:

Pai João escravo coxo Indeciso,  
conformado Negro velho,  
feições doce Submisso,  
derrotado  
Pai João é professor  
É um mestre consagrado Griot  
pai é guardador  
De segredos encantados  
Pai João, Pai João  
Sou de paz, não busco guerra  
Não me cerquem com pavor  
Sou milhões de zumbis vivos  
(trecho retirado do texto do espetáculo Axêro, música “Pai João”)

Meu conhecimento sobre as danças de matriz afro, adquirido com o tempo de prática dança e passagem por diferentes grupos folclóricos no estado de São Paulo, me deu bagagem corporal para usar na criação do espetáculo. A corporificação dessas danças se intensificou quando cheguei em Pelotas, pois aqui tive um maior reconhecimento de mim mesmo enquanto negro. O contato

com a dança negra aqui do Rio Grande do Sul me deu aporte para poder ajudar na experimentação corporal para a criação das cenas. A dança dos orixás, por exemplo, foi um conhecimento que obtive em Pelotas, a partir do trabalho com grupos de dança da cidade.

Axêro tem uma linha de pesquisa muito peculiar, pois o espetáculo está tratando de assuntos que, percebemos, a cidade não gosta de falar. Isso nos instiga a continuar com a obra: falar sobre o outro lado da história da cidade é remexer com nomes e situações que incomodam algumas famílias e os mais conservadores. Temos a oportunidade de trazer à tona dados que estão ocultos, foram ocultados, o que está, até hoje, mal resolvido entre todos. Por isso, construção dos textos foi um processo bem meticuloso, pois sabíamos onde estávamos e estamos pisando.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espetáculo está quase no seu término de criação, ainda faltam algumas cenas a se estruturar e o processo de *limpeza* de movimentos e coreografia precisa ser feito, mas os resultados já são nítidos e logo realizaremos um ensaio aberto. Podemos ver em algumas cenas que já temos a construção de uma linguagem cênica. Um exemplo é a cena do “Rio Pelotas”, cena emblemática do espetáculo, que gosto muito, pois ilustra a realidade dos negros que tinham que atravessar o rio, o qual estava tão degradado pelos restos que vinham das charqueadas que era quase impossível passar por ele, mas os negros tinham que fazer o traslado dos patrões de uma margem a outra, quase que o dia todo. Os textos e relatos nos dizem que era um cheiro horrível, pois continha vários excrementos e restos de animais e gorduras, rio onde o negro disputava lugar com os urubus para navegar por aquelas águas.

Outra cena que também é representativa e parte dos textos é da “Princesa/Baronesa”. Essa cena mostra a produção do charque, desde o matadouro e até-a operação de salgar, mostra a riqueza e desprezo da baronesa, que usufruía da riqueza, mas que, de certa forma, era assombrada por tudo aquilo.

Sou de família nobre, nobríssima Na  
minha casa tudo é nobre  
Meu tio, meu avô, meu primo, meu cachorro, meu  
escravo!  
ôpa! Escravo não é da família, nem gente é.  
Tão nobre, mas tão nobre  
que tinha uma criada para cada dedo do pé Escolhia a  
dedo as negras da casa  
As mais limpinhas, bonitas, claras e menos boçais (...) A princesa  
se recolhe. As rendas mofadas. Aprincesa vigia. Os porões cheios.  
Macabro charque. O criatório, os melhores da espécie. O filho de  
criação. A sorte do boi melhor que a do negro (...)  
(trecho retirado do texto do espetáculo Axêro, cena  
“Princesa/Baronesa”)

Para a criação corporal dessa cena, valeu novamente meu conhecimento das danças populares: contribuí com a experiência de ter sido o miolo de bumba meu boi (pessoas que fica dentro do boi).

### 4. CONCLUSÕES

Axêro dá visibilidade a histórias que a anos foram ocultadas pelo racismo estrutural da cidade. O trabalho poderá se tornar referência para a população negra de cidade, podendo ser referenciado nas escolas e outros espaços, pois contém pesquisa em conteúdos da história negra de Pelotas e do Rio Grande do Sul.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Maria do Carmo. "O FINADO MEU AVÔ TAMBÉM ERA BEM PRETO, OS QUE ERAM PRETO É QUE SOFRIAM". OS PERCALÇOS DO CAMPESINATO NEGRO NO PÓS-ABOLIÇÃO. Acesso em setembro de 2019. Disponível em <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br>

BRISOLARA, Cesar. A Negritude em Pelotas, Por que se oculta? A Metade Sul. Acesso em setembro de 2019. Disponível em <https://www.cesarbrisolara.com.br/single-post/2016/12/31/A-negritude-em-Pelotas-por-que-se-oculta>

DIAS, Paulo. Comunidades do Tambor. Associação Cultural Cachuera! 1999. Pesquisa, documentação e divulgação da cultura popular brasileira. Acesso em setembro de 2019. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1632441/mod\\_resource/content/0/Comunidades%20do%20tambor.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1632441/mod_resource/content/0/Comunidades%20do%20tambor.pdf)

Gutierrez, Ester J. B. Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense / Ester J. B. Gutierrez. 2.ed. - Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

LOPES, A.E.M. As imagens da cidade: caricatura e urbanização em Pelotas no século XIX. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. Londrina, 2005, Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. p.23

MAGALHÃES, M.O. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EduFPel: Co\_edição Livraria Mundial, 1993

MELLO, M. A. Reviras, Batuques e Carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994

SILVA Jr. Hédio. Anti Racismo. Coletânea de Leis Brasileiras (Federais, Estaduais, Municipais). São Paulo: Oliveira Mendes, 1988.